

Capítulo 21

Diversidade Sociocultural

Migração e áreas protegidas periurbanas: um ensaio tipológico na RDS Tupé*

¹Terence Keller ANDRADE
e-mail: terencegeo@yahoo.fr

¹Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine – IHEA, Paris III –
Sorbonne Nouvelle. Doutorado

*Doutorado. Artigo vinculado ao Programa DURAMAZ de pesquisa
sobre sustentabilidade na Amazônia brasileira.

Resumo: A migração na Amazônia brasileira atrai a atenção de diversos pesquisadores das ciências humanas e sociais por sua enorme mobilidade. Para tentar compreender o contexto que permitiu a formação das comunidades na RDS Tupé, a abordagem que propomos visa concentrar o olhar nos diferentes lugares de vida dos seus moradores. A partir da representação espacial dos percursos ao longo do tempo, apresentaremos uma primeira tipologia migratória visando alimentar o debate à respeito da história de vida das comunidades periurbanas na Amazônia.

Palavras-chave: migração, áreas protegidas, ensaio tipológico, RDS Tupé, Amazônia

Introdução

A dinâmica migratória na Amazônia atrai a atenção de diversos especialistas das ciências humanas e sociais. Normalmente caracterizada por uma forte mobilidade ao longo das diferentes gerações de migrantes, certas

hipóteses tem sido utilizadas para tentar compreender as características deste fenômeno (Sartre & Sebillle 2008). Segundo alguns pesquisadores, os comportamentos são ligados ao perfil dos imigrantes (De Reynal *et al.*, 1997 ; Walker *et al.*, 2001). Outros acusam o sistema socioeconômico e político brasileiro como o responsável pelos deslocamentos (Velho, 1972; Wanderley, 1998 Fearnside, 2001). Mais recentemente, mesmo o contexto de modernidade seria um objeto de análise, visto que as grandes cidades estão exercendo um efeito gravitacional sobre as novas gerações (Wanderley, 1998; Gama Torrez, 1992; Le Borgne – David, 1997). Estas explicações não se opõem e permitem elaborar algumas pistas para compreender a ocupação dos espaços amazônicos a partir de sua dimensão temporal.

Neste contexto a abordagem que propomos visa estudar a representação espacial dos fluxos migratórios na Reserva do Tupé a partir da história de vida dos moradores. Apoiado em um questionário biográfico, reconstruímos uma amostra de 45 diferentes percursos executados por famílias que atualmente residem nas comunidades do Julião, São João do Tupé, Tatu e Agrovila. A prática da mobilidade nos diferentes espaços e tempos amazônicos nos revelaram algumas pistas para compreender as características das fases de ocupação da reserva, assim como uma tipologia baseada na origem geográfica da amostra entrevistada. Percebe-se que atualmente uma forte mobilidade caracteriza o perfil

destes moradores. Existe uma tendência a privilegiar as atividades do setor terciário em relação aos outros setores e a proximidade da cidade de Manaus exerce uma forte influência nos modos de vida dos comunitários.

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé na compreensão da mobilidade migratória

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé está numa posição geográfica interessante para a compreensão dos fluxos migratórios nas áreas protegidas do baixo rio Negro. Os 11.973 hectares que compõem a reserva fazem parte de um contexto de unidades de conservação reconhecidas sob diferentes estatutos e hierarquias, chamado de mosaico do baixo rio Negro. Ela está localizada à 25 km de Manaus, em uma zona periurbana sob forte pressão demográfica por parte da capital do Estado. A história de ocupação desta reserva data de aproximadamente 40 anos. A partir de fluxos migratórios originados da região norte e nordeste do Brasil as comunidades de Agrovila, Julião, Livramento, São João do Tupé, Colônia Central e Tatulândia foram formadas, representando aproximadamente 700 habitantes (Andrade *et al.*, 2004). Estes vivem exclusivamente de atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços, pesca, extrativismo de frutos e mais recentemente com implantação de atividades ligadas ao turismo local (Fig. 1)

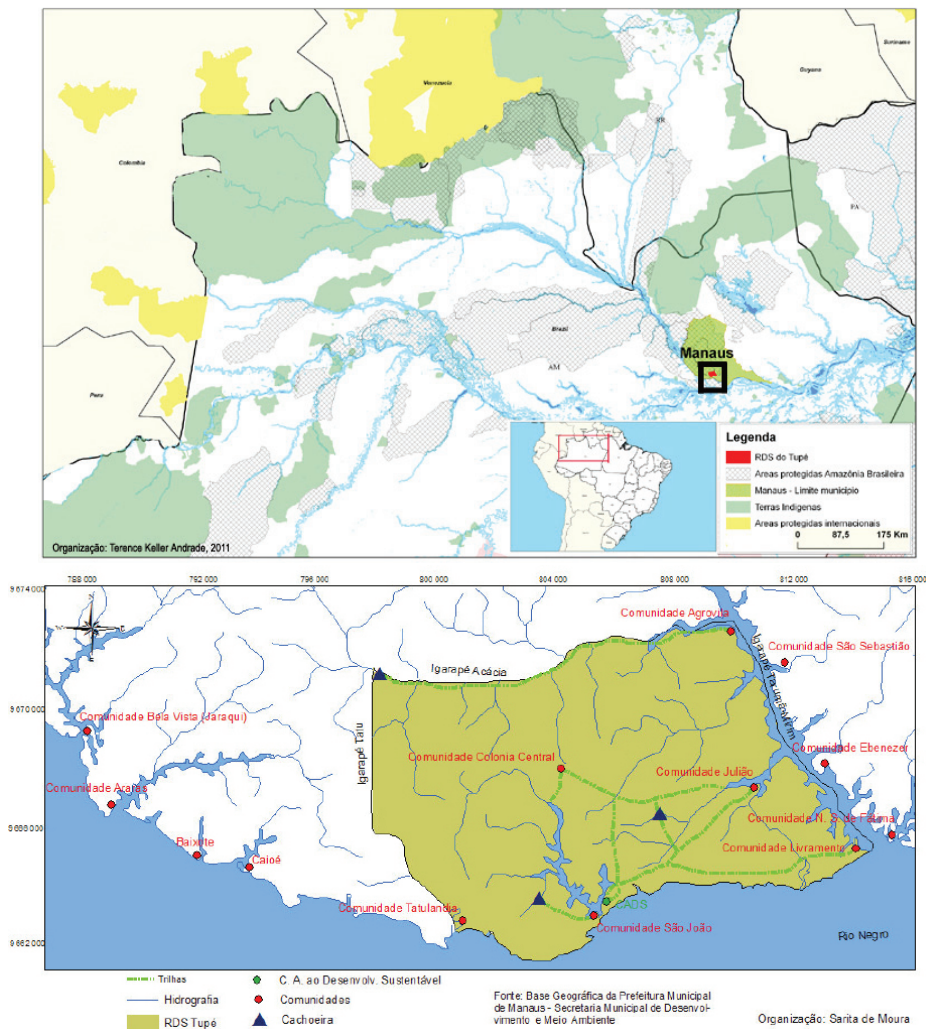


Figura 1: RDS do Tupé: uma zona protegida próximo à uma metrópole Amazônica

O crescimento demográfico e a pressão ambiental foram alguns dos elementos que estimularam, no início dos anos 90, a criação de uma área de relevante interesse ecológico. A partir daí a reserva adquiriu diferentes estatutos ao longo do tempo até ser categorizada em 2001 como Reserva

de Desenvolvimento Sustentável. Este fato foi bastante influenciado pelo atual Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Delegado à Secretaria de Meio Ambiente do município de Manaus, a tarefa de desenvolver e implementar um plano de gestão desta reserva foi baseada na ideia de

preservação ambiental e na valorização e aperfeiçoamento dos conhecimentos das populações locais. Neste contexto, a pesquisa que desenvolvemos visa concentrar na heterogeneidade dos imigrantes na expectativa de compreender as dinâmicas de povoamento nesta área protegida. Mostrando que estas populações tem comportamentos bastante diferentes face aos desafios do meio em que vivem, proporemos algumas pistas de leitura para analisar a mobilidade nas áreas periurbanas das grandes cidades amazônicas.

Material e Métodos

A história de vida como unidade de análise

Uma das inovações de nosso artigo está relacionada aos resultados da aplicação de um questionário demográfico na RDS do Tupé, baseado na história de vida dos seus habitantes (Fig. 2). Ele representa na realidade um mecanismo utilizado pelo Programa DURAMAZ, para a compreensão dos determinantes da sustentabilidade na Amazônia brasileira. A grande particularidade deste questionário está na possibilidade de relacionar os diferentes fatos históricos e geográficos na escala da família do indivíduo entrevistado. Apoiado na memória individual dos atores dos fluxos migratórios, ele visa compreender as evoluções passadas

e atuais da dinâmica de ocupação das terras amazônicas. Além disto, nossa pesquisa visa traçar o perfil do entrevistado, baseado nas estratégias e particularidades dos familiares face aos diferentes contextos políticos e ambientais impostos.

Na prática este questionário, chamado de EBIMAZ, adquire forma a partir de duas dimensões distintas. A primeira representa a história de vida do entrevistado. Através de uma matriz composta por linhas e colunas, é possível associar o tempo, o espaço e os diferentes eventos ocorridos ao longo da vida do sujeito migrante. Ele permite conduzir a pesquisa visando compreender a evolução dos fatos individuais relacionados à questões chaves, tais como, localidades habitadas, motivos da migração, profissões exercidas, uniões e casamentos, crescimento e independência da família. Cada um destes diferentes eventos é armazenados na matriz referente ao ano em que o fato ocorreu.

A segunda dimensão representa os antecedentes dos pais. Contrariando ao detalhamento da primeira parte do questionário EBIMAZ, ele permite compreender algumas questões relacionadas à origem familiar do indivíduo entrevistado. Deste modo, o ano de nascimento e falecimento dos pais, a localidade em que nasceu e que habita atualmente, as profissões exercidas, a capacidade de ler e escrever, além do número de irmãos e irmãs que o

Cada linha corresponde a um ano de vida do morador

1. Qual é o ano e o mês de seu nascimento?

2.1 Em que localidade (povoado ou cidade) você nasceu ?

2.2 Em que município?

2.3 Em que estado do país?

2.4 Que tipo de localidade era?

3.1 Para cada mudança, qual é a razão da migração? (varias respostas possíveis)

3.2 Como era a sua condição de moradia quando você chegou no seu novo lugar de residência ?

1. Cidade
2. Rural não planejado
3. Área de colonização nova
4. Outro
5. NSP

11. Falta de terra
12. Procura de outra terra
21. Falta de emprego
22. Procura de emprego
23. Campo
30. Aventura
40. Familiar
41. Casamento, união
42. Estorão (Ego, entona)
50. Saúde
60. Violência
80. Outro (qual)

99. NSP

01. Casa própria
02. Casa dos pais
03. Casa de filho
04. Casa de aluguel
05. Casa de outro parente
06. Casa de amigos
07. Casa de pais
08. Casa alugada
09. Coletivo
10. Outro
11. Acampamento MST
99. NSP

1	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2
Ano: Mes:	Localidade	Município	Estado o País	Tipo de localidade	Motivo migração	Tipo de coresidência
19	0					
19	1					
19	2					
19	3					
19	4					
19	5					
19	6					
19	7					
19	8					
19	9					
19	10					
19	11					
19	12					
19	13					
19	14					
19	15					
19	16					
19	17					
19	18					
19	19					
19	20					
19	21					

Cada coluna corresponde a diferentes questões, tais como lugares de vida, profissões, motivo da migração e etc.

Figura 2: Questionário biográfico

entrevistado possui são as informações colhidas nesta parte da pesquisa. Para aplicar o formulário, foi realizado um trabalho de campo na RDS do Tupé entre agosto e dezembro de 2008. Quatro comunidades foram objeto de nossa análise (São João do Tupé, Tatu, Agrovila e Julião). Uma das primeiras dificuldades que encontramos e que caracteriza esta RDS, foi em contabilizar o universo de moradores existentes. Devido à proximidade de Manaus, a facilidade de acesso e aos limites dos órgãos competentes em

resolver as questões fundiárias, muitos dos atuais moradores não constam nos registros da prefeitura.

Utilizando os dados publicados pelos diferentes projetos e estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, foi estimado uma população de 180 famílias nestas quatro comunidades. Sendo assim, entrevistamos uma média de 15 famílias por comunidade, uma amostra representativa para a reserva (vide Mariosa *et al* neste volume). É importante ressaltar que a unidade de

análise da pesquisa constitui a escala familiar do indivíduo entrevistado. Deste modo o critério principal que permite a aplicação do EBIMAZ é a identificação do chefe da família que pode ser de ambos os sexos e que irá única e exclusivamente responder por todo o grupo familiar ao qual o mesmo está inserido.

Resultados e discussão

A representação dos percursos

A representação espacial dos fluxos migratórios foi possível utilizando diferentes softwares. Após todo o trabalho de coleta, as informações foram organizadas em uma planilha do Excel. Ao todo foram necessários pouco mais de 2 mil linhas e 160 colunas, representando aproximadamente 324 mil células para registrar todos os diferentes fatos que ocorreram na vida dos 45 entrevistados do Tupé. Posteriormente, as informações foram exportadas em banco de dados para ser interpretada nos software Stata e Arcgis 9.3. Os pontos de origem e destino referentes aos atos migratórios foram representados por um centróide definido pela função "feature" do "point" e organizadas no "Tracking Analyst" do Arcgis. Com a precisão anual dos eventos migratórios, foi possível perceber a evolução da ocupação dos espaços amazônicos ao longo do tempo com base na nossa amostra. Os 45 percursos migratórios ilustram a

diversidade que compõe a reserva do Tupé atualmente. O reagrupamento proposto leva em consideração os lugares de vida, as atividades profissionais e o período migratório. Estimando a maior semelhança das etapas migratórias, propomos destacar suas maiores homogeneidades percebidas, assim como cinco grandes períodos migratórios (1960; 1970; 1980; 1990 e 2000) - (Fig. 3).

Os moradores originários da Juta/Malva

Podem ser constituídos por grupos de moradores descendentes de nordestinos que ocuparam as várzeas do rio Solimões em prováveis áreas de exploração da juta e malva. A partir de 1940 começaram a procurar novos destinos migratórios com uma mobilidade em direção à cidade de Manaus. Alguns deles fixaram residência nos municípios banhados pelo rio Solimões antes de chegarem à capital do Estado. Eles representam o primeiro grupo de moradores a se instalar na RDS e atualmente possuem uma média de idade mais avançada em comparação aos demais grupos. Geralmente os pais desenvolviam atividades ligadas ao setor primário. Os filhos, desde que instalados em Manaus passam a atuar em atividades do setor terciário.

Após residirem em Manaus começam a migrar para a atual Reserva do Tupé, a partir da década de 60. Durante os anos 80 novas famílias

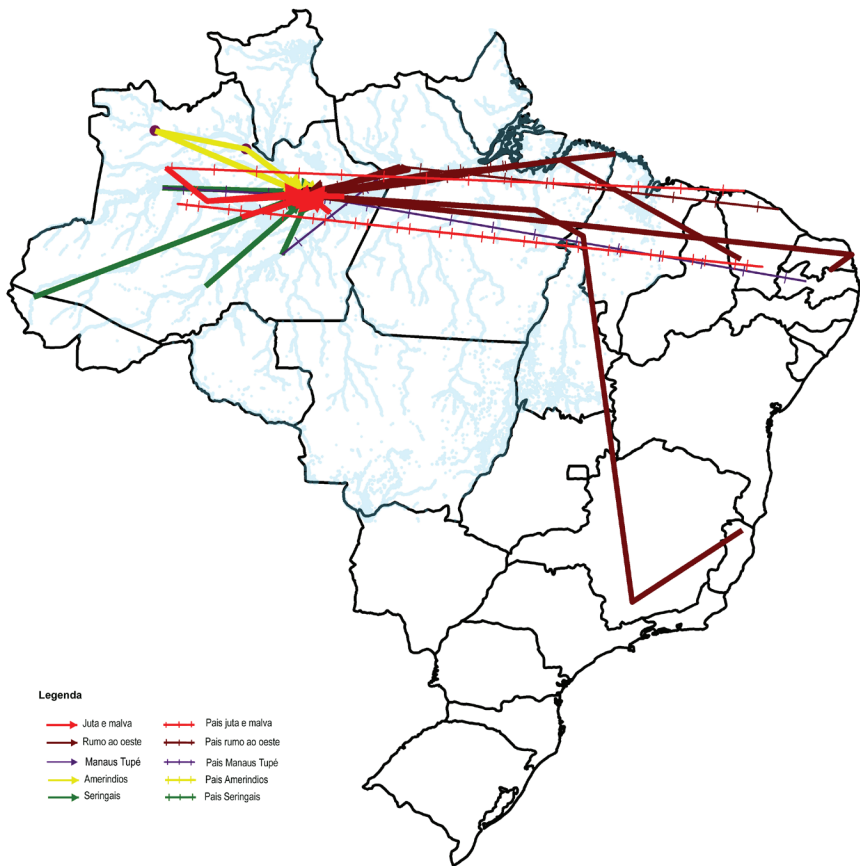


Figura 3: Tipologia dos percursos migratórios na RDS do Tupé.

originárias das regiões produtoras de juta e malva começam a chegar na reserva à procura de emprego. A produção de carvão, ou mesmo o trabalho assalariado junto à Siderama indica uma hipótese a respeito do motivo da migração para este período. A década de 2000 continuou a atrair novos moradores originários desta região em busca de terra e emprego, principalmente no setor terciário.

Os imigrantes rumo ao oeste

São descendentes de nordestinos e nortistas que começaram a migrar em direção à Manaus a partir dos anos 40, chegando na capital do Estado do Amazonas por volta do final dos anos 50. Os entrevistados correspondem a um grupo de moradores originários do nordeste (Ceará, Paraíba, Maranhão e Rio Grande do Norte); e do norte do Brasil,



Quadro comparativo das diferentes tipologias de migrantes que se instalaram na RDS do Tupé

Tipologia	Numero de individuos por residência	Nº de famílias entrevistadas	Idade média atual dos entrevistados	Média de migração por individuo	Sector de atividade antes da RDS	Sector de Atividade depois da RDS	Motivo da migração	Origem dos pais
Juta/Malva								
Solimões	5	9	55,14	2,57	Grande parte no sector secundário e terciário.	Grande parte no sector terciário	Motivo familiar, procura de terra e emprego	Nordestinos que ocuparam as várzeas do Rio Solimões em prováveis áreas de exploração da juta e malva
Rumo ao oeste	3,54	11	41,44	2,66	Geralmente os filhos seguem a profissão dos pais que podiam ser tanto do sector primário, quanto do terciário	Primário e terciário	Motivo familiar, procura de terra e emprego	Descendentes de nordestinos e nortistas que migraram em direção à Manaus

continua

Tipologia	Numero de indivíduos por residência	N° de famílias entrevistadas	Idade média atual dos entrevistados	Média de migração por indivíduo	Sector de atividade antes da RDS	Sector de Atividade depois da RDS	Motivo da migração	Origem dos pais
Manaus/tupe								
Indígena Alto Rio Negro	5,25	16	39,69	1	Geralmente os filhos seguem a profissão dos pais, mas muitos entrevistados declararam terem atuado nos setores primário, secundário e terciário.	Grande parte no setor terciário	Até os anos 80 à procura de terra e exploração dos recursos naturais. À partir dos anos 90 o elevado custo de vida em Manaus; violência; aposentadoria; e lazer (2ª residência)	Norte/Nordeste; Regiões de Jataí, Malva e Seringais
Seringal Amazonas	8,4	5	44,75	2,75	Primário	Terciário	Motivo familiar, procura de terra e emprego	Nasceram e permaneceram no alto Rio Negro
	5,4	4	43,25	2,25	Geralmente os filhos seguem a profissão dos pais que podiam ser tanto do primário, quanto do terciário.	Existe uma tendência para exercer a mesma profissão que exercia em Manaus.	Motivo familiar e procura de terra	Amazonas e Mato Grosso

com uma forte influência dos municípios localizados na calha do rio Amazonas. É possível perceber também migrações originadas do interior do Estado a partir de indivíduos da cidade de Parintins. Os imigrantes após residirem em Manaus, começam a se instalar na reserva por volta dos anos 70. O que chama bastante atenção neste grupo é que grande parte dos indivíduos entrevistados chegaram na RDS do Tupé a partir de 2000. Normalmente os indivíduos seguem a profissão do pai, mas existe uma tendência maior a atuar no setor terciário. Praticamente metade destes indivíduos vieram por motivos familiares (casamento ou acompanhando o parceiro). Outra parte deslocou-se à procura de terra para a prática da agricultura ou mesmo para atividades terciárias, como comércio e serviços.

A proximidade: Manaus/Tupé

Representa o grupo de indivíduos que nasceram em Manaus, cujos pais vieram do Norte/Nordeste, das regiões de juta e malva, além dos seringais. Os primeiros indivíduos deste grupo chega na atual reserva por volta dos anos 70 e até o início dos anos 80. Torna-se uma mobilidade caracterizada pela procura de terra para a prática da agricultura ou mesmo para a exploração dos recursos minerais. A partir dos anos 90, a mobilidade Manaus/RDS do Tupé se intensifica e grande parte do deslocamento foi motivado por atividades relacionadas ao setor terciário. Geralmente quando os pais dos entrevistados desenvolviam atividades

relacionadas ao setor primário, os filhos continuam no mesmo setor em Manaus. Porém quando chegam na reserva, grande parte deles migram para atividades relacionadas ao terciário. Se os pais já desenvolviam atividades do terciário, os filhos continuam no setor terciário.

Trata-se de uma mobilidade complexa a definir. Porém algumas características permitem ilustrar a tipologia deste grupo. Podem ser considerados os indivíduos menos móveis de todos os outros entrevistados (geralmente uma migração por indivíduo). Porém os motivos são bastante diversos. Alguns dos entrevistados manifestaram que não conseguem arcar com os gastos na cidade de Manaus (famílias numerosas com baixa renda). Desta forma preferem fixar residência na RDS e exercem atividades econômicas locais ou mesmo na capital. Outros migram em função da violência da cidade. Outros por aposentadoria e percebe-se mesmo uma mobilidade em função de atividades ligadas ao lazer ou a segunda residência, por exemplo, como é o caso da presença de sítios e chácaras na reserva.

A descida do rio: A mobilidade dos ameríndios

Grupo de moradores cuja mobilidade iniciou-se a partir dos anos 70. Partindo do município de São Gabriel da Cachoeira, eles vieram descendo o rio Negro em direção à cidade de Barcelos e Manaus. Uma característica que marca este grupo é a presença de vários membros em



uma mesma residência (média de 8,4 indivíduos por domicílio). Outro ponto particular está relacionado à uma forte mobilidade, ou seja uma média de 2,75 migrações por indivíduo. Este grupo começa a se fixar na reserva no final dos anos 70. Primeiramente se estabelecem na comunidade Colônia Central, onde desenvolveram atividades do setor primário (agricultura). Em 2003, a grande maioria destes indivíduos migra para São João do Tupé, as margens do rio Negro. Presume-se que a criação da reserva limitou a utilização de alguns dos recursos naturais por parte deste grupo. Neste momento começam a trabalhar em atividades ligadas ao setor terciário (turismo). Parte dos indivíduos migram diretamente para Manaus, abandonando as atividades de agricultura e adquirindo profissões no setor terciário. Em seguida migram novamente para a reserva e passam a atuar em atividades ligadas ao turismo. Geralmente os filhos seguem as profissões dos pais (setor primário) e depois de instalados na RDS ou em Manaus passam para o setor terciário. Percebe-se também uma presença de migrações em rede, ou seja, um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma família que migraram e pouco tempo mais tarde, seus irmãos e respectivos filhos passam a morar na reserva.

Os seringais

Grupo de indivíduos cuja mobilidade iniciou anos 60, a partir de municípios localizados às margens dos rios Madeira, Purus e Juruá. Os

moradores são primeiramente atraídos para a zona urbana da cidade de Manaus, onde adquirem uma profissão, geralmente no setor terciário. A partir dos anos 80 eles começam a migrar em direção à atual reserva do Tupé. Este grupo representa o menor número de indivíduos entrevistados na amostra. Percebe-se que a grande maioria deles chegaram na reserva até o início dos anos 90, por motivos familiares (casamento ou acompanhando o cônjuge). Os pais geralmente seguem os filhos durante os diferentes percursos migratórios. Desde que instalados na RDS, existe uma tendência dos filhos exercerem a mesma profissão dos pais, ou exercerem a mesma profissão que desenvolviam na sede do município de Manaus (terciário).

As fases de ocupação da RDS do Tupé

Década de 60

Os moradores originários da região de seringais se deslocaram diretamente para Manaus. Abandonaram atividades relacionadas ao extrativismo e agricultura passando a atuar diretamente no setor terciário da economia. Já os entrevistados da região de juta, malva e para os que vinham do norte e nordeste haviam duas opções. Alguns se instalaram diretamente em Manaus, onde as atividades ligadas ao setor terciário começam a ser privilegiadas. Outros insistiram nas atividades ligadas ao setor primário (agricultura, extração

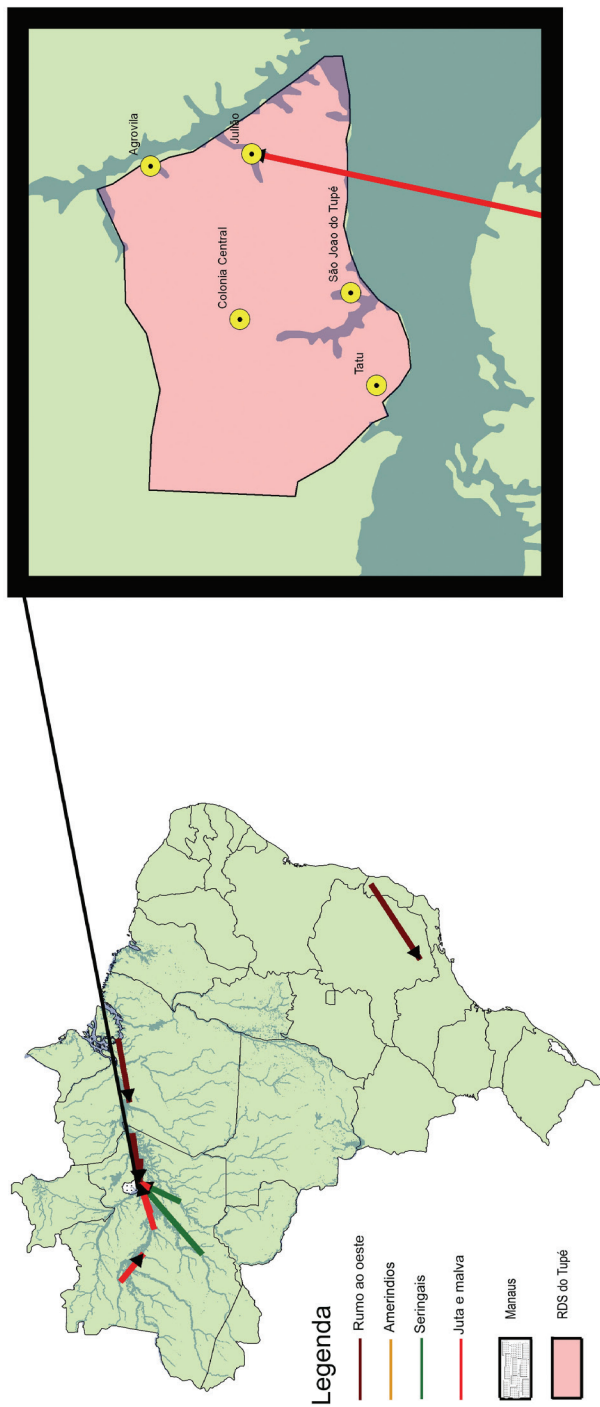


Figura 4: Migrações à RDS Tupé na década de 60.



da juta e malva), migrando assim para localidades ao longo do rio Solimões e Amazonas.

Neste período ocorre a chegada do primeiro imigrante entrevistado no interior da atual reserva do Tupé. Conforme apresentado na figura 4, a mobilidade inicia nas regiões de juta e malva. Motivado por razões familiares ele se instala na atual comunidade do Julião, com a idade de 21 anos. Teoricamente constituiu uma mobilidade mais curta com relação aos pais do imigrante, originários do nordeste, e que se instalaram nas margens do alto Solimões.

Década de 70

A imigração de origem indígena foi iniciada durante a década de 70. As motivações iniciais estavam sempre relacionadas à procura de terra para o desenvolvimento de atividades agrícolas. Alguns entrevistados vindos do norte/nordeste, seringais, juta e malva declararam abandonar as atividades no campo para se instalarem nos centros urbanos, atuando no setor do comércio/serviços ou na zona rural onde ocorre uma presença maior da pluriatividade (primário e terciário). Houve também alguns moradores que se instalaram na reserva na década anterior e que pouco tempo mais tarde imigraram novamente para Manaus a procura de trabalho.

Chegada dos primeiros indivíduos de origem indígena, na Colônia Central, norte/nordeste para a comunidade

São João do Tupé e dos moradores de Manaus para a comunidade do Julião. Eles eram constituídos na sua maioria por jovens com idade média de 27 anos. Os motivos geralmente estavam relacionados às questões familiares, como casamento ou acompanhamento do cônjuge (neste caso existe uma predominância de atividades do setor terciário) ou à procura de terras para a prática da agricultura, prevalecendo atividades do setor primário. (Fig. 5)

Década de 80

Durante a década de 80, novos indivíduos abandonam o alto rio Negro e se dirigem para a cidade de Barcelos, seguindo o mesmo percurso iniciado pelos seus antecessores. Neste período alguns entrevistados, após residirem em Manaus, declararam retornar à sua cidade natal à procura de emprego. Para os moradores de origem norte/nordeste, estes se instalam em grandes centros urbanos, como é o caso de Belém e Santarém, desenvolvendo pluriatividades (comércio e trabalho rural). (Fig. 6)

Percebe-se a chegada dos primeiros indivíduos originários dos seringais e grande parte dos entrevistados declararam abandonar as regiões de juta/malva, mesmo Manaus. Estes se instalaram neste local com uma média de 25 anos de idade à procura de emprego relacionado à produção de carvão, (atividades do setor secundário), à procura de terra para a prática da agricultura (primário)

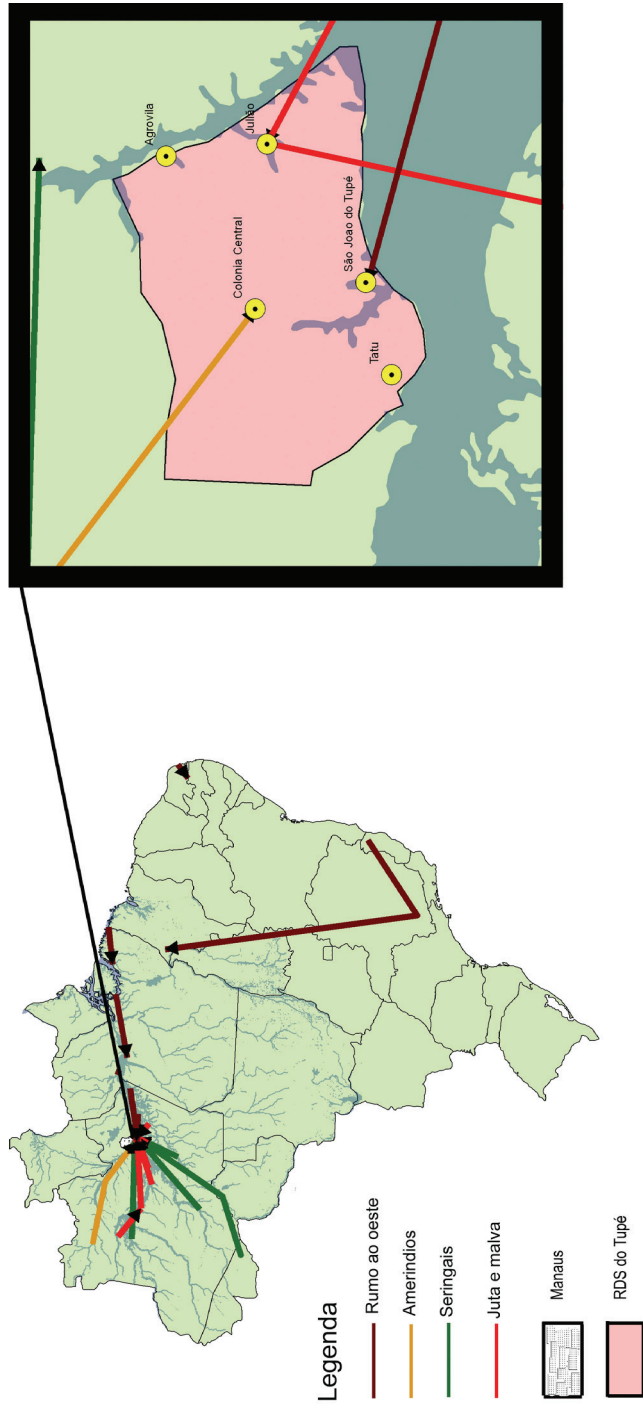


Figura 5: Migrações à RDS Tupé na década de 70.



e mesmo o comércio. Este período corresponde a época de atuação da carvoaria Siderama, o que influenciou a mobilidade para a reserva.

Década de 90

Alguns moradores abandonam os centros urbanos de Belém e Santarém e se deslocam diretamente para a reserva, por questões familiares (casamento) ou para Manaus à procura de emprego. Para estes que desciam o rio Negro, a cidade de Manaus se torna a preferência inicial para a procura de emprego, mas pouco tempo mais tarde eles se instalam na comunidade Colônia Central. Pouca mobilidade para os indivíduos que formam a tipologia juta e malva. (Fig. 7)

A RDS do Tupé passa a atrair moradores das mais diversas origens geográficas, motivados por questões familiares e a procura de terra para a fixação de residências. Pouca presença destes que subiam o rio Amazonas, ou que desciam o rio Solimões, assim como dos moradores das regiões de seringais. A média de idade correspondia a 38 anos no momento de instalação na reserva. Percebe-se uma predominância por atividades do setor terciário, como artesanato, dona de casa, doméstica e caseiro. Com o fim da atividade da Siderama, alguns indivíduos permaneceram na reserva

atuando em pluriatividades e outros partiram para Manaus à procura de emprego.

Década de 2000

Alguns indivíduos abandonaram os centros urbanos, como é o caso da cidade de Belém, Tefé e se instalaram em Manaus à procura de emprego. Durante a mesma década, estes partem para a RDS à procura de emprego ou melhores condições de vida. Os moradores que partiram do alto rio Negro se instalaram primeiramente na comunidade Colônia Central e depois de criada a RDS do Tupé migraram para a comunidade de São João do Tupé à procura de educação para os filhos e trabalho, passando a atuar em atividades ligadas ao turismo.

A RDS do Tupé continua a atrair moradores das mais diversas origens geográficas, porém com uma forte predominância do norte e nordeste. As questões familiares, procura de terra e emprego ainda continuam bastante representativas das motivações dos atuais moradores. Porém, surgem novos interesses ligados à aposentadoria, ao fenômeno de segunda residência, fuga da violência e o elevado custo de vida na cidade de Manaus. A média de idade destes moradores no momento de instalação na reserva é de 34 anos.

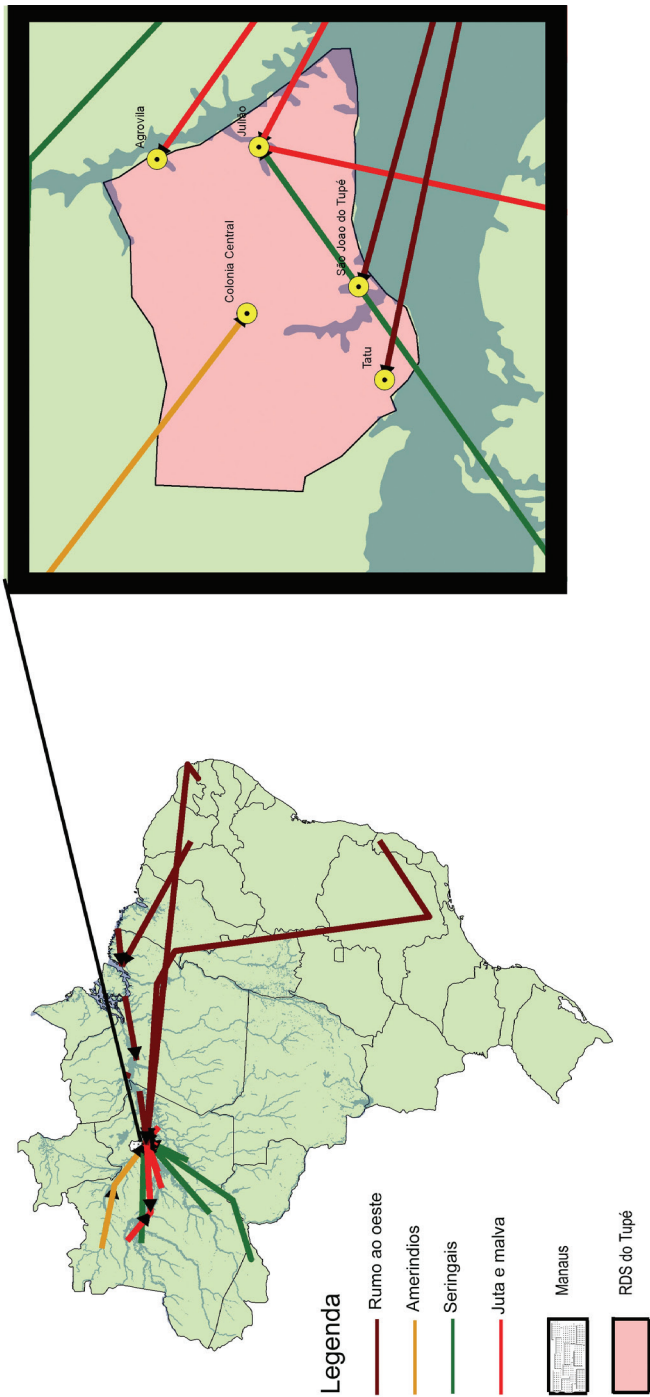


Figura 6: Migrações à RDS Tupé na década de 80.

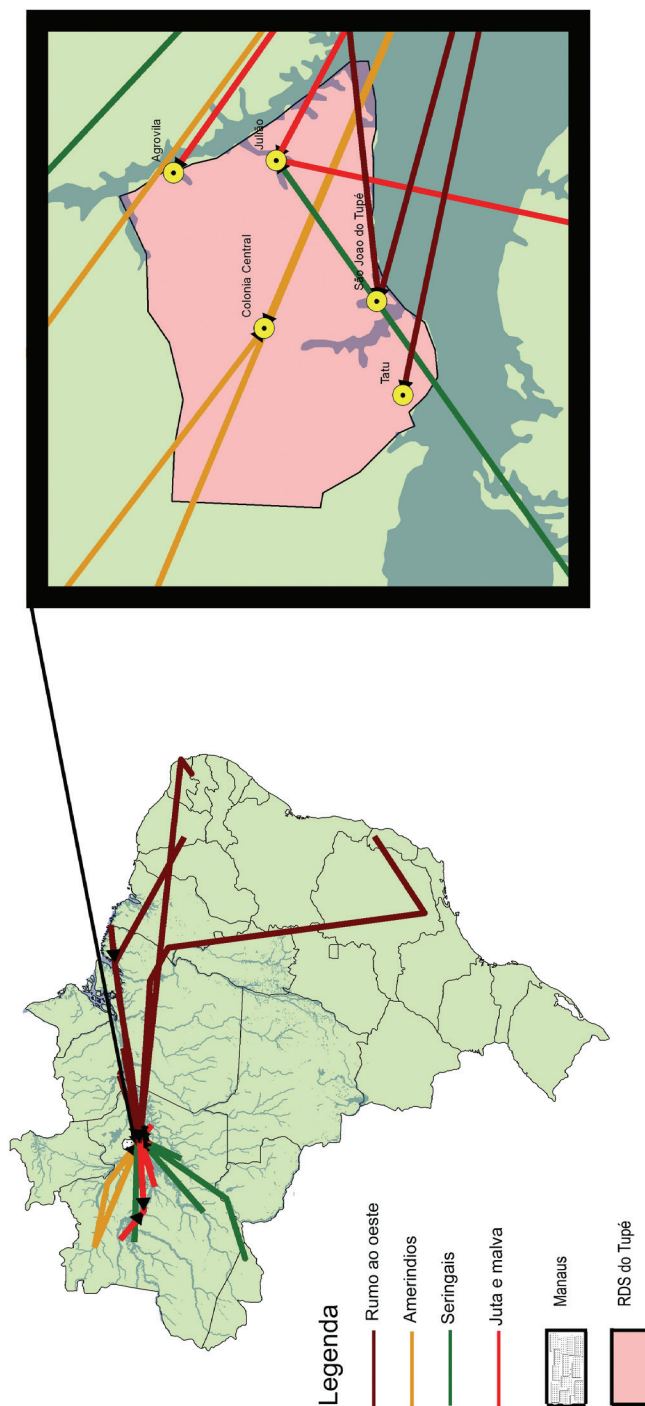


Figura 7: Migrações à RDS Tupé na década de 90.

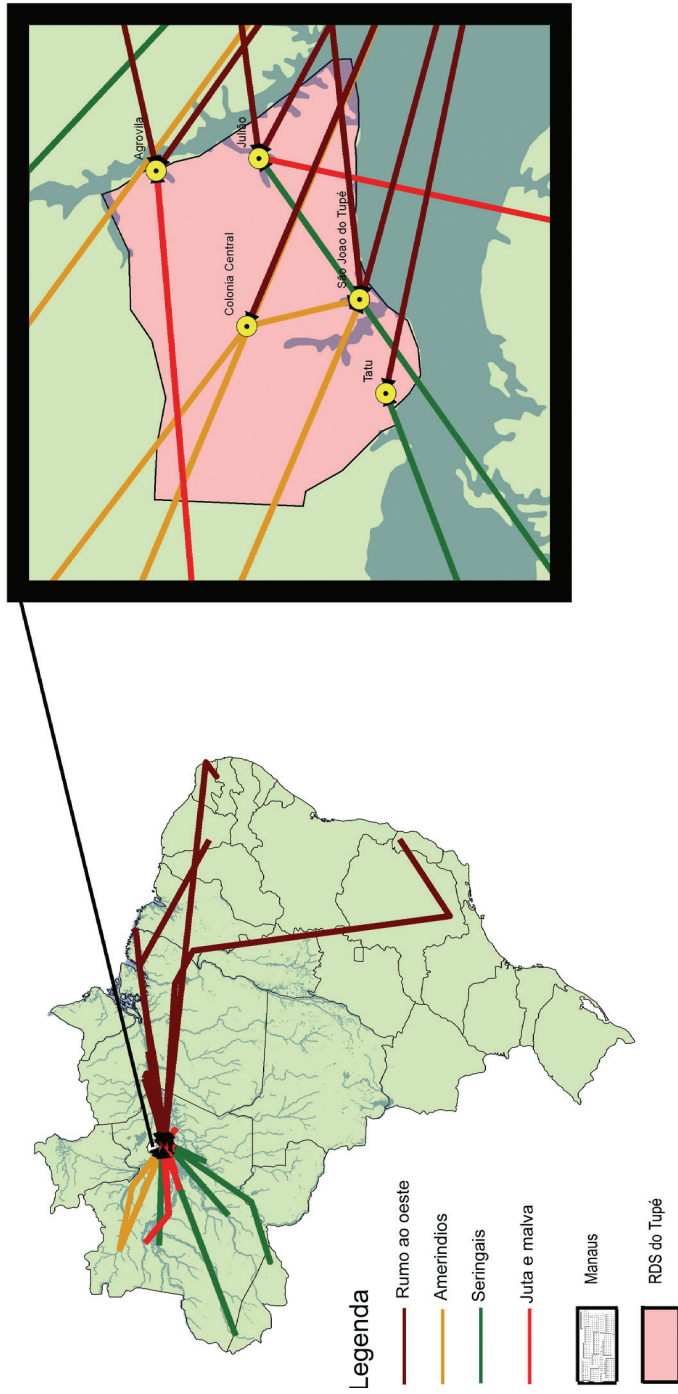


Figura 8: Migrações à RDS Tupé na década de 2000.



Conclusões

Este trabalho permitiu destacar alguns pontos de vista com relação aos perfis dos moradores da Reserva do Tupé. Sem ter a ambição de discutir os indicadores demográficos e nem as diversas teorias existentes, nossa abordagem pragmática privilegiou analisar a distribuição espacial dos moradores ao longo do tempo. Graças a utilização de uma metodologia baseada na história de vida destes moradores foi possível propor uma tipologia a ser aperfeiçoada, assim como interpretar as grandes fases de atração migratória da reserva.

Os lugares e tempos percorridos, as motivações, a influência gravitacional das grandes cidades e projetos de colonizações representam os elementos que nortearam nossa análise. Os resultados nos permitiram observar que uma forte mobilidade caracteriza os habitantes da reserva. Mesmo que o desenvolvimento sustentável represente uma visão para conciliar a ocupação demográfica com a manutenção dos recursos naturais, resta saber até quando a estabilidade destas populações será mantida.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, E. B. de; CHATEAUBRIAND, A. D.; BEZERRA, C. R. de O. & SOUZA, N. A. P. de 2004. Tecendo o Tupé: Extensão Universitária na Construção da Gestão Ambiental de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amazônica. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte. 8 pp.
- ANDRADE, T.K. 2010. Représentation spatiale des parcours migratoires en Amazonie brésilienne: Une analyse basée sur l'outil Tracking Analyst du Arcgis 9.1. Conférence Francophone ESRI. 29-30 septembre 2010. Versailles. 14 p.
- BRASIL, M. 2010. Urbanização na região norte : Uma análise exploratória das mesorregiões. In SANTOS, T. de F. (Org.). Dinâmica populacional das regiões Norte e Nordeste: questões atuais e emergentes. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000. pp. 139-162.
- COSTA, T. V.; SANTOS, J. L.; BARROS, S. da S; CARVALHO, S.M.S. & PINHEIRO, A.M. 2007. Brincando entre igapós: a água na percepção das crianças da reserva de desenvolvimento sustentável Tupé, Manaus/AM. Revista eletrônica do mestrado em Educação Ambiental, 18: 100-115.
- CRUZ, M. de J. M. 2007. Territorialização camponesa na várzea amazônica. Tese em geografia na faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Departamento de geografia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 261 p.
- DE REYNAL, V.; MUCHAGATA, M.; TOPALL, O. & HEBETTE, J. 1997. Des paysans

en Amazonie. In : Théry Hervé (Org.), Environnement et développement en Amazonie brésilienne. Paris : Belin, pp. 76-123, 1997.

DROULERS, M. 2004 L'Amazonie. Edition Nathan. Paris. 1995. 188. p.

DROULERS, M. 2004. L'Amazonie, vers un développement durable ? A. Colin. Paris. 221 p.

FEARNSIDE, P. 2001. Land-Tenure Issues as Factors in Environmental Destruction in Brazilian Amazonia: The Case of Southern Pará . World Development, 29:1361-1372.

GAMA T. 1992. Migração e o migrante de origem urbana na Amazônia . In: Léna, Philippe e Engracia da Silveira, Almacyel (Org.), Amazônia: a fronteira agrícola 20 anos depois. Belém : CEJUP. Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 291-304.

GAWORA, D. 2003. URUCU – impactos sociais, ecológicos e econômicos do projeto de petróleo e gás "Urucu" no Estado do Amazonas. Manaus. Valer. 444 p.

LE TOURNEAU, F. & DROULERS, M. 2010. L'Amazonie brésilienne et le développement durable. Mappemonde. Belin. 477 p.

LE BORGNE-DAVID, A. 1998. Le salariat plutôt que la malaria. Les migrations paysannes du Sud-Brésil vers l'Amazonie. Paris : L'Harmattan, 221 p.

LIMA, D. (Org.) 2005. Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões. Perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Projeto Manejo dos Recursos Naturais. Manaus. Ibama/ProVarzea.

MANAUS, Prefeitura de. 2008. Plano de manejo da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé. Manaus. 178 p.

MANAUS, Prefeitura de. 2008. Plano de uso público da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé. Manaus. 111 p.

OLIVEIRA, L. A. P. de. 1996 "Perfil das Condições de Vida na Amazônia" Cadernos de Estudos Sociais, Recife, 12 (2): 181-202.

PROVARZEA ; RASEIRA, M. B.; DANTAS, J.; VIDAL, M. D. & RUFFINO, M. L. (Org. 2008). Projeto Manejo dos Recursos Naturais. Manaus. IBAMA/ProVarzea. 43 p.

SANTOS, J. L. 2006 .Uso e diversidade de espécies vegetais cultivadas na reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé. Manaus. Amazonas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Dissertação programa de pós-graduação em biologia tropical e recursos naturais mestre em agricultura no trópico úmido. Manaus. 82 p.

SANTOS-SILVA, E. N; APRILE, F.M.; SCUDELLER, V.V. & MELO, S. (Orgs.) 2005. Biotupé. Meio físico, diversidade



biológica e sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central. INPA. Manaus. 246 p.

SARTRE, X. A. 2006. Fronts pionniers d'Amazonie. Les dynamiques paysannes au Brésil. Paris : CNRS Éditions, Collection Espaces et milieux. 223 p.

SARTRE, X . A. & SEBILLE, P. 2008. Diversité des itinéraires migratoires des colons d'un front pionnier amazonien »in Confins [Online], 4 |, online en 12 novembre 2008. URL : <http://confins.revues.org/index4403.html>

SEBILLE, P. & JANSSEN, E. 2003. Avances teóricos y metodológicos de las historias de vida en México. La Encuesta Demográfica Retrospectiva (EDER) , Trace, n° 44, p. 53-68.

TEIXEIRA, P.; BRASIL, M. & RIVAS, A. (Orgs). 2007. Produzir e viver na Amazônia rural: Estudo sociodemográfico de comunidades do médio Solimões. EDUA, Manaus, 192 p.

THERY, H. 2005. Le Brésil. Armand Colin. 5è edition. Paris, 267 p.

VELHO, O. G. 1972. Frentes de expansão e estrutura agrária. Estudo do processo de penetração numa área da Transamazonica. Rio de Janeiro : Zahar editores, 175 p.

WALKER, R.; MORAN, E. & ANSELIN, L. 2000. Deforestation and Cattle Ranching in the Brazilian Amazon: External

Capital and Household Processes , World Development, 28: 683-699.

WANDERLEY, M. N. 1998. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: Tedesco João Carlos (Org.), Agricultura familiar. Realidades e perspectivas. Passo Fundo: EDIUPF, pp. 21-55.